

Secretário aponta exagero das críticas

O chefe do Gabinete Civil, José Roberto Arruda, apresentou durante o 1º Fórum Nacional sobre Migração a mais recente pesquisa realizada pelo GDF neste campo e que revelou algumas mudanças no perfil dos migrantes que chegam a Brasília. Arruda destacou que, segundo a pesquisa, o número de migrantes que chegam hoje na cidade é bem menor do que se pensa.

A pesquisa abrangeu 303 entrevistas com migrantes que se encontravam na cidade a menos de 30 dias, no período de 13 a 23 de agosto. Foram pesquisadas 15 áreas no Distrito Federal, sendo que o maior volume de entrevistas aconteceu na Rodoferroviária, Centro de Triagem e Recepção (CRT) de Taguatinga, Areal, Centro de Desenvolvimento Social (CDS) de Taguatinga e Rodoviária do Plano Piloto.

De posse dos números da pesquisa, Arruda procurou derrubar os argumentos de que o programa de distribuição de lotes para famílias de baixa renda contribui para o aumento da migração. "Mais uma vez, os números mostraram que os migrantes vêm para Brasília em busca de trabalho e de assistência médica", acentou. Segundo a pesquisa, 63,5 por cento dos migrantes vêm para Brasília à procura de emprego, 23,1 por cento estão atrás de assistência médica, apenas 5,5 por cento migraram por causa de habitação e 4,7 por cento esperam encontrar na cidade escolas para seus filhos.

FOTOS: CARLOS MOURA



Arruda culpa a má distribuição de renda pela migração

A pesquisa também mostra que quase a metade dos entrevistados (48,8 por cento) tinham casa própria em seu estado de origem. Outros 42,2 por cento moravam em casas alugadas. Para Arruda, um reflexo de que o migrante está sendo expulso do campo para os centros urbanos é a constatação de que 95 por cento dos entrevistados pertenciam às classes "D" e "E". "Essas pessoas foram expulsas de seus locais de origem por conta dos desequilíbrios regionais e

buscam agora trabalho para sobreviver".

Erro — Arruda considera um grande erro de parte da elite brasileira apontar a distribuição de lotes e a melhoria promovida nos hospitais e na rede oficial de ensino como indutores de migração. "Já está mais do que comprovado que justiça social não é em princípio causadora de fluxo migratório. Nós temos que encarar a imigração de frente, investindo pesado em infra-estrutura, não só no DF, como também no Entorno, que

deve amortecer o impacto do fluxo migratório".

Para o chefe do Gabinete Civil do GDF, a má distribuição de renda no País e as gritantes diferenças no padrão de vida entre as regiões ricas e pobres são os fatores que mais impulsionam a migração. Ele ilustrou sua afirmação com dados sobre a origem dos migrantes que chegam a Brasília. Segundo Arruda, 24 por cento dessas pessoas vieram da Paraíba; 13,19 por cento, do Rio de Janeiro; 8,7 por cento, da Bahia; 5,8 por cento, do Goiás; 4,9 por cento, de Pernambuco e 4,2 por cento, do Ceará. Na pesquisa anterior, a Bahia é que liderava as estatísticas de envio de migrante para Brasília.

Arruda acha que o problema da migração para o DF está sendo superdimensionado. Ele lembra que a população local é de um milhão e 776 mil habitantes e "não de dois milhões como propalam por aí". Segundo ele, as críticas aos assentamentos partem de grupos que querem fazer oposição política e mercadológica ao governador Joaquim Roriz.

O chefe do Gabinete Civil citou exemplos de ações integradas entre o DF e Goiás que minimizariam os reflexos da migração provenientes dos municípios da região do Entorno. Ele falou do caso de um hospital em Valparaíso/GO que está pronto, mas ainda não entrou em funcionamento por falta de profissionais.